

As coisas mudam



Por **BRANKO MILANOVIĆ***

As ideologias em que vivemos são como o ar que respiramos. Nós as temos como dadas. Não somos conscientes delas

No verão de 1975, trabalhei como guia turístico em **Dubrovnik** (comecei a trabalhar muito jovem). **Dubrovnik** é, como muitos sabem, uma bela cidade no **Adriático**, na costa croata, que ao longo da **Idade Média** era um porto muito ativo, com muitos contatos com o mundo. **Veneza** era sua concorrente e finalmente acabaria vencendo **Dubrovnik**. Ao final, as repúblicas de **Veneza** e **Dubrovnik (Ragusa)** foram abolidas por **Napoleão**, em 1797-1806.

A existência de **Dubrovnik** como uma república independente, cercada por todos os lados pelo poderoso **Império Otomano**, era uma espécie de milagre. Os otomanos talvez a consideravam uma útil **Hong Kong** da época e nunca pensaram em conquistá-la. **Dubrovnik** sempre teve orgulho de sua liberdade. Em sua bandeira vermelha está estampada, com letras douradas, a palavra "**Libertas**".

Algumas vezes, durante aquele verão, nas noites quentes e com cheiro de lavanda, fui às peças teatrais representadas em lugares impressionantes do castelo que há sobre o porto. As peças faziam parte do festival de **Dubrovnik**, que durou o verão inteiro. A abertura do festival sempre era acompanhada pelo hasteamento da bandeira "**Libertas**".

Não pensei muito nisso, naquele momento, mas a cerimônia da bandeira, com sua música apropriadamente emocionante, pareceu-me lembrar a firme resistência de **Dubrovnik** frente aos invasores estrangeiros. Como a Iugoslávia em 1975 era um país livre, não governado por estrangeiros e, como foi dito na época, sem compromissos com os "**imperialistas**" ([Estados Unidos](#)) ou com os "**hegemonistas**" (**União Soviética**), parecia-me normal que se hasteasse e aplaudisse a bandeira "**libertas**".

Cerca de dez anos depois, em uma conversa com um amigo que estava no mesmo festival, e quando o comunismo já estava desmoronando, disse-me que estava muito animado ao ver a bandeira da liberdade balançar todos os anos, para ele, pressagiava o [fim do comunismo](#) e o começo da **democracia**. Nunca pensei sobre isso na época e, sem dizer a ele, pensava que havia elaborado aquele sentimento *ex post* (1985 era muito diferente de 1975) ou simplesmente o atribuído a outros, mesmo que fossem os pensamentos de uma pequena minoria.

Há alguns anos, quando visitei **Zagreb** pela primeira vez, após as guerras civis, jantei com uma amiga croata que não via há vinte anos e com quem trabalhei em 1975. Em um ponto da conversa, mencionou que a bandeira da "**Libertas**" sempre a fez pensar na independência e liberdade da Croácia, e pensava que esse sentimento era compartilhado por todos que estavam presentes e presenciavam o hasteamento da bandeira.

Percebi que esse pensamento nunca me ocorreu. Mas essa terceira interpretação do mesmo evento me fez pensar, como em um filme de **Kurosawa**, que todos vivemos em nossos mundos ideológicos e imaginamos que todo mundo habita nesses mesmos mundos.

Até que as coisas mudam.

a terra é redonda

Algo semelhante está acontecendo agora nos **Estados Unidos** com o impacto ideológico do movimento [Black Lives Matter](#). Muitas pessoas acreditavam que a [desigualdade racial nos Estados Unidos](#) era realmente importante. Mas isso era visto como uma questão secundária, que precisava de uma solução, mas que não acabava com a ideia dos **Estados Unidos** como terra de oportunidades e progresso para todos. Como consequência desse movimento, há pessoas que nunca tinham pensado em injustiça racial e em outros tipos de injustiça e que, de repente, veem esses problemas como algo sistêmico.

Não podem ser consertados “colocando rostos negros em lugares importantes”, como dizia desdenhoso e apropriadamente [Cornel West](#).

Para resolver esse problema, é necessário repensar os aspectos essenciais das sociedades capitalistas. Além disso, o movimento **BLM**, ao resgatar toda a história do colonialismo e da opressão negra, dirigiu nossa atenção para as coisas que pensávamos que estavam esquecidas e “resolvidas” há muito tempo: o reinado do **rei Leopoldo no Congo**, a cumplicidade britânica no comércio de escravos, a escravidão americana e brasileira que se estendeu até a segunda metade do século XIX. É muito provável que essas questões ressurgam em outros países: **França, Holanda, Portugal, Espanha, Rússia**. Como acabamos de ver, estão caindo as estátuas de **Cristóvão Colombo**.

Estamos diante de uma enorme mudança ideológica. Até algumas semanas atrás, estávamos testemunhando os mesmos acontecimentos - [discriminação racial](#) e a [brutalidade policial](#) não são exatamente novas -, mas com lentes ideológicas completamente diferentes. Como no exemplo da bandeira da **Libertas**, o acontecimento, o fato, era o mesmo: sua interpretação era diferente.

As ideologias em que vivemos são como o [ar que respiramos](#). Nós as temos como dadas. Não somos conscientes delas. Eu não era consciente de minha própria ideologia, em 1975. Meus amigos não conheciam a ideologia que permeava o [Banco Mundial](#) e o **FMI**, nas últimas duas décadas do século XX. O **neoliberalismo** (esse nome não era usado na época) era tão óbvio, suas lições e recomendações eram tão claras e pareciam tão comuns que os requisitos eram cumpridos para a melhor ideologia possível: aquela que uma pessoa defende e aplica sem nem mesmo se dar conta disso. Mas isso também está se desmoronando.

Quando as pessoas me perguntam como foi trabalhar no **Banco Mundial**, durante o auge do [neoliberalismo](#), geralmente pensam que estávamos, de alguma maneira, obrigados a acreditar no neoliberalismo como uma panaceia. Nada mais longe. A ideologia era algo leve e invisível para muitos, nunca sentiram o seu peso. Até mesmo hoje, estou certo de que muitos amigos que a aplicaram não estavam conscientes disso.

No início dos anos 1990, uma pessoa influente, que nunca se consideraria “**neoliberal**”, se opôs fortemente a qualquer estudo sobre a desigualdade. O importante não era a desigualdade, ao contrário, era preciso criar mais desigualdade para que aumentasse o crescimento. Outra pessoa influente (neste caso, **Larry Summers**) ficou famosa por escrever em uma nota interna que substâncias poluidoras tinham que ser enviadas para a **África**, porque o valor da vida humana lá é muito mais baixo do que nos países ricos. Ainda que **Summers**, mais tarde, se defenderia dizendo que era uma piada, é um bom exemplo do espírito da época.

Outra pessoa que inclusive agora defende vigorosamente sua condição [neoliberal](#) criou uma nova maneira de resolver um problema criando um novo mercado. Nunca ter ouvido nada sobre a comercialização de tudo é uma característica básica do neoliberalismo. Em seu mundo não existiam nem [Polanyi](#), nem as mercadorias fictícias.

Como crentes religiosos, o [neoliberalismo](#) era para muitos economistas a quintessência do senso comum e da razão. Ao descrever o **Consenso de Washington**, **John Williamson** escreveu que “é o núcleo comum da sabedoria que todos os economistas sérios adotam”. Agora que o neoliberalismo, sob os choques de 2007 e 2020, está praticamente morto, é fácil ver como estavam errados. Mas enquanto durou, as pessoas viviam em seus mundos ideológicos. A ideologia era adotada por “todos os economistas sérios” e parecia que todos concordavam. E também parecia que duraria para sempre. Como me pareceu, em 1975.

***Branko Milanović** é professor visitante no *Graduate Center* da *City University of New York*. Autor, entre outros livros, de *Capitalismo sem rivais* (Todavia).

Publicado originalmente no portal **Letras Libres**.